

2014/06/03

Bush e Obama em West Point, num intervalo de doze anos

Alexandre Reis Rodrigues

No curto espaço de doze anos, parece que quase tudo mudou na política externa e de defesa dos EUA. Nalguns aspetos de forma drástica. Os termos de comparação que estou a usar são os discursos de George Bush em junho de 2002 e o de Barak Obama em maio de 2014, ambos em West Point, na tradicional cerimónia de graduação dos cadetes do Exército americano.



Não é o discurso de Barak Obama que introduz as mudanças a que temos assistido. Na verdade, apenas confirma e clarifica a estratégia de segurança aprovada em 2012, que conceptualiza uma nova visão do contexto de segurança mundial e da forma como os EUA se devem posicionar para enfrentar os novos desafios. Não obstante esse facto, o discurso de West Point continua a ser importante, entre outros aspetos, porque acentua, preto no branco, uma demarcação aberta da política externa do Presidente Bush, em especial, sobre intervenções no exterior, que é o aspeto que me merece atenção neste artigo.

Grosso modo, ninguém tem dúvidas de que o espaço de manobra da política externa americana, no tempo de Bush dominado pelas correntes unilateralistas e intervencionistas, passou a estar sob o controlo dos multilateralistas e anti-intervencionistas. Mas o Presidente Obama ao concentrar-se na recusa da política intervencionista do seu antecessor (*«a strategy that involves invading every country that harbours terrorists networks is naive and unsustainable»*¹) segue um caminho de afirmação mais pela negativa do que pela positiva, não esclarecendo qual a postura alternativa que pretende adotar.

Tanto recusa alinhar-se com os que consideram que os conflitos na Síria, Ucrânia ou República Centro-Africana não são assuntos que os EUA tenham que resolver, como com os que dizem que a ausência de ação por parte dos EUA nesse tipo de situações não só viola a consciência dos americanos como constitui um convite a uma escalada. Considera que estas posições não só não estão à altura dos desafios do momento² como constituem uma perspetiva estreita do que verdadeiramente está hoje em causa - um mundo de maior liberdade e tolerância.³

¹ Discurso de 28 de maio 2014 em West Point.

² *«Each side can point to history to support its claims. But I believe neither view fully speaks to the demands of this moment».*

³ *«Beyond these narrow rationales, I believe we have a real stake – an abiding self-interest – in making sure ... that a world of greater freedom and tolerance is not only a moral imperative – it also helps keep us safe».*

Ninguém, certamente, discordará deste objetivo nem muito menos do desmentido que faz a seguir dos que o associam à ideia de querer colocar os EUA numa posição isolacionista, que sabe não ser possível da parte da única potência global num mundo cada vez mais globalizado. Em alternativa, diz querer apostar numa postura multilateral, confiando na ação das instituições internacionais,⁴ como é o caso da Organização das Nações Unidas e NATO, que Bush ignorou repetidamente. Está em oposição aos que não acreditam na ONU ou noutras organizações internacionais para resolver crises e conflitos, mas não esclarece como tenciona torner o imobilismo do Conselho de Segurança que o direito de veto dos membros permanentes propicia. Mostra-se satisfeito com a forma como o mundo condenou a ação russa na Ucrânia e como a NATO reagiu, reforçando o seu dispositivo na área mas não conseguiu “acalmar” os que, estando próximo, se sentem ameaçados pelo ressurgimento da Rússia.

Obama continua, como Bush, a associar os interesses dos EUA com a promoção de paz e estabilidade no mundo, indo ao ponto de dizer que o apoio a dar nesse campo pelos EUA é uma questão de segurança nacional.⁵ No entanto, não coloca o que ficou conhecido como “*Agenda for Freedom*” do seu antecessor como uma das suas prioridades. Demarca-se na execução dessa política, lembrando que, tratando-se de situações que não ponham uma ameaça direta aos EUA, então a barreira de decisão sobre o uso do poder militar tem que ser colocada mais alta. Fica a ideia de que para Obama, a inevitabilidade do modelo das democracias ocidentais para haver paz e progresso no mundo não é tão óbvia como era para Bush. Embora seja uma questão de segurança, não é um interesse vital que justifique envolvimento militares no exterior, pelo menos na forma adotada pelo seu antecessor.

Com o terrorismo passa-se algo semelhante. Obama considera o terrorismo como a mais direta ameaça, quer interna, quer externa, aos EUA mas substitui a política de intervenções diretas com tropas no terreno, como foi o caso do Afeganistão e Iraque, por parcerias com os países onde as organizações terroristas procurem criar os seus próprios santuários. Opta por ajudar esses países a colocarem-se na linha da frente desse combate, o que, na sua perspetiva, é também uma forma de expandir a influência e papel dos EUA nesse combate. É sob esse desígnio que pediu a aprovação do Congresso para a criação do “*Counter-terrorism Partnership Fund*” no valor de cinco mil milhões de dólares. Dado o malogro da intervenção no Iraque não é difícil concordar com a nova política mas resta saber o seu âmbito, isto é, se representa a recusa do recurso a intervenções militares ou apenas a recusa do modelo usado por Bush.

Se voltarmos atrás alguns anos talvez fique mais claro qual é afinal o pensamento de Obama. Sugiro prestar atenção ao esclarecimento que deu a propósito da sua oposição à intervenção no Iraque, quando disse: «*I don't oppose all wars. What I am opposed to is "dumb wars"*». Se associarmos esta declaração com a frequência a que recorre à utilização de “drones” e ao emprego de forças de operações especiais (“*high-tech clandestine wars*”) fica explícito que Obama não hesita em intervir militarmente no exterior, só que não o faz recorrendo à colocação de

⁴ «*Skeptics often downplay the effectiveness of multilateral action. For them, working through international institutions, or respecting international law, is a sign of weakness. I think they are wrong*».

⁵ «*I believe that a world of greater freedom and tolerance is not a moral imperative- it also helps keep us safe*». «*America's support for democracy and human rights goes beyond idealism – it's a matter of national security*».

milhares de efetivos no terreno em operações de longa duração (as chamadas “*dumb wars*”), de onde não há resultados satisfatórios a registar. O que mudou, portanto, foi sobretudo a forma, quer seja sob a versão das “*high-tech clandestine wars*”), quer seja o tipo de intervenção usado na Líbia, então considerado, quer pela NATO, quer pelos EUA, como modelo de futuras intervenções militares.

Resta saber se estas duas novas conceções de emprego da força militar irão ajudar a resolver de forma consistente as crises e conflitos que afetam a paz e estabilidade de que precisamos para que haja progresso. Não obstante ser ainda cedo para formar uma opinião final, podem adiantar-se os seguintes comentários.

Aprovem-se ou não os aspetos éticos das intervenções com “drones”, muito polémicas se não há rigorosa supervisão⁶, é preciso não deixar de reconhecer que a sua eficácia tem sido grande no combate ao terrorismo. O problema é que baseando-se quase apenas em tecnologias, são um modelo que, brevemente, estará acessível a outros, eventualmente sem qualquer controlo. Um novo motivo de preocupação.

O caso da intervenção na Líbia é diferente. Embora tenha tido sucesso em ajudar a depor o ditador, acabou por desencadear um processo de instabilidade e lutas sectárias que perdura há três anos e do qual não se vê saída. Dito por outras palavras, limitou-se a substituir um regime ditatorial por um caos generalizado e por um novo santuário de organizações terroristas que tem “alimentado” a instabilidade no Sahel. Tudo isto era previsível, como nos diz o registo histórico de intervenções exclusivamente baseadas no poder aéreo, tanto mais por se tratar de um País sem uma base mínima de instituições que pudessem tomar conta da reconstrução.⁷ Obviamente, a operação “*Unified Protector*” não pode representar, como se pretendeu fazer crer, um modelo credível de intervenções militares.

Tudo considerado, passamos a ter, por um lado, o cuidado do Presidente Obama em evitar a repetição dos erros clamorosos cometidos pelo seu antecessor – o que é de saudar. No entanto, por outro lado, passamos a ter que conviver com as compreensíveis interrogações, que se levantam em muitos setores, sobre se a orientação alternativa que adotou chega para garantir resposta cabal aos atuais desafios à paz e estabilidade. Muitos destes desafios, senão a sua totalidade, estão mais dependentes das capacidades militares que os EUA decidirem disponibilizar para a sua solução do que da intervenção da ONU ou outras organizações de segurança cooperativa. O mundo pode estar a tornar-se menos seguro, em especial, se, conflitos como o da Síria e Líbia, forem deixados evoluir por si próprios.

Nota final: Junta-se, em anexo, alguns extratos dos discursos de George Bush em junho de 2002 e de Barak Obama em maio de 2014, que realçam as diferentes perspetivas de um e outro.

⁶ No início de 2013, a administração americana enfrentou uma vigorosa polémica pública sobre a política de emprego de drones, tal como autorizada pelo Presidente Obama, tendo chegado a ser sugerida a criação de “tribunal nacional de segurança” para supervisionar as decisões de emprego de “drones” para alvejar diretamente indivíduos (“*Targetted killing*”). IHT, 22 de fevereiro de 2013, “*Who will mind the drones*”, Neal K. Katyal.

⁷ Ver artigo com o título “Operações humanitárias? O caso da Líbia”, de 30 de abril de 2011. Neste mesmo site.

Junho 2002, West Point, George Bush

«Wherever we carry this war (on terror), the American flag will stand not only for our power, but for freedom. Our nation's cause has always been larger than our nation's defense. We fight, as always fight, for a just peace – a peace that favors human liberty». «America has a greater objective than controlling threats and containing resentment. We will work for a just and peaceful world beyond the war on terror».

«By confronting evil and lawless regimes, we do not create a problem, we reveal a problem. And will lead the world in opposing it».

«New threats also require new thinking. Deterrence – the promise of massive retaliation against nations – means nothing against shadowy terrorist networks with no nations or citizens to defend.»

«The war on terror will not be won on the defensive. We must take the battle to the enemy, disrupt his plans, and confront the worst threats before they emerge».

«I have just returned from a new Russia, **now a country reaching toward democracy**, and our partner in the war against terror». «When great powers share common values, we are better able to confront serious regional conflicts together, better able to cooperate in preventing the spread of violence and economic chaos».

«Even in China, leaders are discovering that economic freedom is the only lasting source of national wealth».

O sublinhado na referência à Rússia é meu. Visa destacar como mudou, radicalmente, a visão prevalecente nos EUA sobre a Rússia.

Mai 2014, West Point, Barak Obama

«It is a particularly useful time for America to reflect on those who have sacrificed so much for our freedom».

«The world is changing with accelerating speed». «Russia's aggression toward former soviet states unnerves capitals in Europe, while China's economic rise and military reach worries its neighbors».

«The question we face is not whether America will lead, but how will lead, not just to secure our peace and prosperity, but also to extend peace and prosperity around the globe». «... but that is not to say that every problem has a military solution. Since World War II, some of our most costly mistakes came not from our restraint, but from our willingness to rush into military adventures ...». «Just because we have the best hammer does not mean that every problem is a nail». «... when issues of global concern that do not pose a direct threat to the United States are at stake ...then the threshold for military action must be higher.»

«The most direct threat to America at home and abroad remains terrorism. But a strategy that involves invading every country that harbors terrorist networks is naïve and unsustainable. I believe we must shift our counter-terrorism strategy ... to more effectively partner with countries where terrorist networks seek a foothold».

«... institutions to keep the peace and support human progress .. though imperfect, have been a force multiplier reducing the need for unilateral American action. ... (those who think) that working through international institutions, or respecting international order, is a sign of weakness I think they are wrong».